

O QUE CARACTERIZA O MILITANTE É A DETERMINAÇÃO EM TRANSFORMAR
O MUNDO E, NO PROCESSO, TRANSFORMAR-SE

—Presidente Samora Machel, na sessão de abertura da reunião
com os antigos prisioneiros políticos

A luta de libertação do Povo moçambicano contra a dominação colonial, realizou-se não só de armas na mão, nos campos de batalha, mas também através da resistência clandestina nas zonas ocupadas pelo inimigo.

A Direcção Central da FRELIMO convocou, recentemente, em Maputo, um encontro com alguns daqueles resistentes que, no processo da Luta de Libertação, foram descobertos e presos pela PIDE.

Neste encontro, que se desenrolou em duas fases, a primeira de 21 a 24 de Março e a segunda de 4 a 8 de Maio, foram profundamente analisados os diversos tipos de comportamento dos presos políticos no interior das prisões do colonial-fascismo.

Foi uma reunião política. Uma reunião de crítica e autocritica, dentro de uma tradição de purificação das fileiras, de há muito criada na FRELIMO. O seu objectivo foi chegar à libertação total e profunda dos antigos presos políticos, através de um debate público dos actos de heroísmo cometidos frente à repressão, das dúvidas e vacilações a que muitos estiveram sujeitos e até das traições a que outros acabaram por chegar. Através da crítica e da autocritica,

a libertação deve começar no interior de cada homem, de modo a permitir a sua integração na Sociedade Nova que estamos a construir.

Para que os objectivos e resultados deste encontro sejam amplamente conhecidos e estudados, publicaremos cinco textos dedicados ao assunto. Entre estes, além das palavras proferidas pelo Presidente Samora Machel na primeira reunião, e que constituem o texto de hoje, apresentaremos alguns casos que são exemplo dos tipos de comportamento e de acção assumidos pelos milhares de presos que passaram pela Machava, Mabalane, Ibo e outros redutos de morte. Os referidos textos serão publicados em dias alternados, com início na edição de hoje. Chamamos ainda a atenção dos nossos leitores para os programas da Rádio Moçambique, dedicados também a este encontro e que começaram a ser transmitidos ontem, às 20.00 horas. Os restantes programas da R. M. serão emitidos também em dias alternados e à mesma hora que o de ontem. Assim, o próximo trabalho dedicado a este assunto, será transmitido pela R. M. amanhã, às 20.00 horas, e publicado na nossa edição de depois de amanhã.

A Luta de Libertação Nacional, ela própria, já é História. Portanto, falar da Luta de Libertação Nacional, é falar da vida do Povo, é falar de resistência do Povo Moçambicano, é falar da vida de cada um de nós.

É por isso que neste encontro estão pessoas de Cabo Delgado, de Niassa e de Tete, estão pessoas da Zambézia, de Nampula, de Sofala, de Manica, de Inhambane, de Gaza e de Maputo. A resistência ao colonialismo manifestou-se em toda a parte em

Moçambique e assumiu as mais diferentes formas. Resistimos com armas, resistimos mantendo a nossa personalidade, resistimos afirmando a nossa arte e cultura, resistimos cantando e dançando, escrevendo, pintando, esculpindo, resistimos transmitindo oralmente a tradição das lutas heróicas contra a conquista colonial. Os que vivem hoje são os continuadores desta história, os que virão depois de nós continuá-la-ão.

Não fomos nós que iniciámos a história da Luta de Libertação Nacional. Nós somos os continuadores da luta dos nossos antepassados; outros prosseguirão o combate revolucionário depois de nós.

Somos os resistentes e sobreviventes. Quem tem 500 anos no nosso País? É o Povo. Só o Povo nunca morre.

Como homens, como indivíduos, fomos forçados a separarmo-nos. Uns participaram na luta armada, outros na luta clandestina. Nestes duros anos de luta vimos cair companheiros de combate, presenciámos prisões, assassinatos, traições. Neste duros anos de luta conhecemos os melhores filhos do nosso Povo, conhecemos os nossos heróis.

Reencontrámo-nos após o dia da vitória, depois da capitulação inimiga em 7 de Setembro de 1974. Precisamos de trocar as nossas experiências, conhecermos a trajectória e a contribuição de cada grupo, cada indivíduo. Devemos apresentar o relatório do nosso trabalho ao Povo, ao Partido, à História.

Este é um encontro com alguns dos Camaradas que no processo da Luta de Libertação Nacional foram feitos prisioneiros pelo inimigo. Foram prisioneiros políticos.

Queremos saudar os prisioneiros políticos presentes nesta reunião, porque eles exprimiram a determinação em libertar a Pátria no tempo em que pertencíamos a um País sem nome.

Porque exprimiram a capacidade de sacrifício do nosso Povo, capacidade de renunciar ao conforto, à vida tranquila, eles renunciaram a uma vida «sem história» para se consagrarem à libertação da sua Pátria.

Os 350 elementos aqui presentes são poucos, representam uma pequena fracção dos muitos milhares que, da Machava ao Ibo, fizeram da sua determinação a ponte que conduziu à libertação da Pátria. São poucos os presentes, mas esses poucos totalizam várias centenas de anos de prisão. Foram anos de luto e de miséria para os familiares, anos de lágrimas e amargura para os pais e esposas, para os filhos, os familiares e os amigos. Anos em que, amigos, ou pessoas que se diziam amigas, temiam até levar uma palavra de conforto aos próprios entes queridos. Anos de tortura, anos em que se viram morrer e enterrar companheiros, anos de ameaças constantes.

Os presentes são sobreviventes da legião de patriotas que anonimamente foi assassinada nos cárceres e campos de concentração e de tortura.

Em memória de todos aqueles que, anonimamente foram assassinados, em memória de todos os que ofereceram as suas vidas preciosas para que a Pátria se libertasse, guardemos um minuto de silêncio.

OS PRISIONEIRO POLITICOS, COMBATENTES DA LIBERTAÇÃO NACIONAL

Os prisioneiros políticos são combatentes da causa da Libertação Nacional, entregaram-se à causa da Pátria.

Os prisioneiros políticos surgem na nossa Pátria com a guerra de resistência à conquista colonial, à ocupação estrangeira de Moçambique. Por isso não podemos situar os prisioneiros políticos a partir da fundação da FRELIMO. Prisioneiro político foi já

NGUNCUNHANA, deportado e morto no exílio. Prisioneiro político foi ROBERT MACHAVA, em 1912. Prisioneiros políticos foram os muitos milhares de compatriotas forçados à deportação para Angola e S. Tomé e Príncipe por resistirem ao colonialismo. Prisioneiros políticos foram todos aqueles que, por se oporem à exploração e ocupação da Pátria, por exigirem a liberdade e a independência, conheceram a deportação, o exílio, a prisão e a tortura. Foram prisioneiros políticos os grevistas sobreviventes de Xina-vane, de Lourenço Marques, da Beira. Foram prisioneiros políticos os camponeses que sobreviveram em Mueda, todos os que foram encarcerados em masmorras por se oporem à opressão, à humilhação, à discriminação.

Se os guerrilheiros foram os que se entregaram à causa da Pátria de armas na mão, combatendo o exército colonialista, abatendo as tropas agressoras, os prisioneiros políticos foram combatentes individuais ou organizados, que, nas zonas ocupadas e dominadas pelo inimigo, criaram condições favoráveis para o alastramento da guerra de libertação. No silêncio e no anonimato da clandestinidade trabalhavam para o despertar das consciências, estimulando o espírito patriótico, fazendo propaganda, organizando fugas das zonas ocupadas, enviando militantes para a guerrilha e transmitindo informações sobre o inimigo. Quando detectados e capturados, a PIDE desfechava contra eles o ódio acumulado contra a FRELIMO.

As prisões em massa e o barbarismo colonial intensificaram-se a partir de 1964, quando desencadeámos a luta armada, quando passámos à forma superior de resistência à dominação estrangeira.

POTENCIALIDADES E LIMITES DE COMBATE DOS PRISIONEIRO POLITICOS

Praticamente a FRELIMO, constituída em 1962, foi a primeira organização patriótica no nosso país, a primeira organização política que concebia a libertação de Moçambique do Rovuma ao Maputo, que oferecia um programa e estruturas consequentes com esse objectivo.

Quer isto dizer que na nossa Pátria não existia uma tradição de luta política patriótica organizada. Não existia uma tradição organizativa de luta clandestina. Os militantes políticos, os militantes clandestinos, não tinham sido educados, não possuíam uma cultura de resistência firme à polícia e à tortura. Esta cultura e tradição surgem como resultado de lutas de resistência e de lutas revolucionárias desenvolvidas durante décadas por forças sociais organizadas e estruturadas.

Este é um factor importante no estudo das pequenas e grandes capitulações, deserções e traições que se verificaram no processo da guerra popular de libertação. Foi um fenómeno que igualmente se verificou na luta de guerrilha e na luta clandestina.

A falta de experiência de luta, a falta duma tradição cultural de resistência a manobras e seduções pífidas do inimigo, levou militantes clandestinos e guerrilheiros a desertarem, a capitularem, a traírem.

A fraqueza do engajamento de alguns tem as suas causas nas insuficiências políticas e ideológicas, que abriram as portas para vacilações e capitulações.

Ao nível dos camponeses pobres, dos trabalhadores analfabetos, dos operários, muitos se engajaram na base de experiências pessoais, resultantes da opressão brutal, da humilhação extrema que era natureza do colonialismo. Engajaram-se com um ódio objectivo autêntico ao sistema de exploração. Ódio objectivo, não consciência! Sabiam que não queriam mais o colono, mas não compreendiam a complexidade e a natureza do colonialismo, ignoravam que o colonialismo era apenas uma face, ainda que a mais cruel, do capitalismo. No processo da luta, no processo do estudo da nossa linha, do aprofundamento da prática, muitos destes militantes vindos das classes mais exploradas, tornaram-se conscientes, transformaram o ódio pessoal em ódio de classe, cresceram, ficaram adultos, militantes da revolução, militantes da causa socialista.

Outros, sobretudo da pequena burguesia, vieram para as nossas fileiras por causa das ambições e expectativas quotidianamente frustradas pelo colonialismo.

Vinham alguns desejando estudar, desejando bolsas, queriam ser médicos, engenheiros, economistas. Não era possível no quadro do colonialismo. Vieram para a FRELIMO. Muitos destes desertaram, traíram, até se juntaram ao colonialismo. A motivação era ser médico, engenheiro, alguém que participava na exploração do Povo. Não tinham campo na FRELIMO, e quando o colonialismo lhes abriu as portas para serem sócios, ainda que subalternos, da exploração capitalista, correm a apanhar o comboio.

Houve os que vieram para a FRELIMO porque o colonialismo português era de tal modo primitivo e atrasado, que não tolerava que um preto tivesse uma pequena loja, habitasse no cimento, fosse funcionário qualificado. Para o preto, o máximo permitido era ser enfermeiro, professor indígena, intérprete, contínuo! Trouxeram as suas frustrações e pequenas ambições desiludidas. Quando na FRELIMO não encontravam campo capitulavam, desertavam. Quando o colonialismo, por causa da guerra, lhes abriu perspectivas de chamadas promoções económicas e sociais, colaboraram, traíram.

Havia os que desejavam ardentemente uma vitória rápida, sem possuírem a paciência e capacidade revolucionárias de, passo a passo, edificar a vitória. Queriam a vitória rápida, para eles, não para o Povo. Vitória rápida que lhes trouxesse postos e ministérios e gerências e propriedades e prédios e bens. A vitória constrói-se e, no processo, muitos são os momentos longos, sem sucessos e avanços espectaculares. Então desistiram, desertaram, capitularam, traíram. Vieram meninas porque os noivos estavam na FRELIMO, queriam casar rapidamente, garantir o seu futuro estatuto de esposa de dirigente. Mas o caminho era a luta, o seu quotidiano, difícil. Fraquejaram.

A situação específica de Moçambique, em que se combinavam simultaneamente o colonialismo, o racismo e o fascismo pesaram cruelmente sobre o prisioneiro político. A repressão tradicional própria do colonialismo, acrescentavam-se a crueldade refinada, o terror e o silêncio impostos pela PIDE, as indiferenças e ódios suscitados pelo racismo contra o negro contestatário. Assim, enquanto o militante branco, ainda que trabalhador, podia beneficiar de alguma protecção ou publicidade devido à cor da sua pele, o negro, especialmente quando operário ou camponês, particularmente quando analfabeto, podia impunemente ser assassi-

nado e enterrado como cadáver anónimo que ninguém reclamava, sem temor de qualquer reacção da opinião no plano Moçambicano e muito menos Internacional.

Tudo isto aconteceu no processo da guerra de libertação, no processo da luta clandestina, no processo da resistência no interior das prisões.

SUCESSOS E FRACASSOS

A PIDE era um aparelho refinado e experimentado na repressão, na infiltração e subversão. Para Moçambique e as outras colónias foram enviados os agentes mais pérfidos, mais astuciosos, mais cruéis, mais sádicos. Com a protecção do exército colonial e do silêncio imposto pela guerra, eles davam liberdade aos seus instintos mais brutais com inteira impunidade.

A história dos nossos combatentes clandestinos presos pelo inimigo tem numerosas páginas de determinação e firmeza revolucionárias, páginas de glória e de heroísmo.

Houve os que a tudo resistiram, houve momentos sublimes de ajuda mútua na prisão, momentos em que a dor de cada um se tornou fonte de novas forças para salvar um companheiro ou para salvar o próprio grupo.

Foi na prisão que muitos moçambicanos descobriram a FRELIMO, compreenderam a essência real da luta e aprofundaram o conteúdo do seu patriotismo.

A prisão foi a Universidade política e uma forja do carácter.

A prisão transformou-se em baluarte de resistência. Nela se formaram novas redes clandestinas que, com esforço sobre-humano, conseguiram restabelecer a ligação com a Direcção da FRELIMO, transmitir informações e receber orientações.

Porém, paralelamente à história da resistência e do heroísmo, encontramos a história da fraqueza humana, a história da vergonha, do colaboracionismo, da traição.

A falta de qualquer protecção legal ao patriota encarcerado, permitia à PIDE agir com toda a brutalidade. Não havia qualquer limite. O objectivo era levar o prisioneiro a sentir-se perdido e só, a desesperadamente aceitar a capitulação em troca da sobrevivência.

Sabemos que foram diversos os factores que levaram os prisioneiros políticos a capitular, a fraquejar. Enquanto a grande maioria dos membros da família e dos amigos estimulavam a coragem do ente querido sequestrado pela PIDE, houve também casos em que familiares e amigos pressionaram o prisioneiro a capitular, a falar, a colaborar com o inimigo.

Os métodos refinados de «recuperação», a combinação da brutalidade mais animal e sádica com a persuasão delicada, as promessas tentadoras, quebraram, por vezes, a resistência e o patriotismo, e abriram as portas à traição.

O conjunto destes fenómenos, não foi exclusivo dos prisioneiros políticos. Surgiu igualmente entre os prisioneiros de guerra, surgiu também em combatentes que capitularam.

As causas, os sucessos, os fracassos, foram idênticos em toda a parte. Esta é a nossa experiência.

A capitulação, o colaboracionismo, a traição nas prisões não são fenómenos exclusivos da revolução moçambicana. São fenómenos conhecidos por todas as revoluções, por todos os partidos, mesmo pelos partidos mais sólidos e mais duramente forjados.

A experiência histórica da nossa luta e de todos os povos é de que, uma vez fracassada a repressão destinada a aniquilar o movimento libertador, as polícias progressivamente tentam recuperar os militantes presos, para infiltrá-los já como agentes seus nas fileiras do Movimento de Libertação ou do Partido Revolucionário. Alguns para utilização imediata como informadores, outros para uma acção a longo termo, uma acção de sabotagem e desagregação das fileiras patrióticas e revolucionárias.

Isto aconteceu na história de todas as revoluções socialistas. Aconteceu no próprio partido de Lenine, que conduziu ao triunfo da Revolução Soviética.

No processo revolucionário chinês, rico da extraordinária experiência da 1.ª guerra prolongada da nossa época que o Partido Comunista da China dirigiu durante 22 anos pela libertação da Pátria e do Povo, a traição envolveu até o pequeno grupo de militantes fundadores do Partido.

Na China, os traidores juntaram-se aos exploradores do Povo e, sob a protecção dos seus patrões imperialistas, ocuparam ilegalmente Taiwan, onde proclamaram a república fantoche, a república da traição.

Mais recentemente, se olharmos à situação em Portugal, constatamos que alguns de entre os que mais resolutamente combatem hoje contra a causa dos trabalhadores democratas portugueses, são antigos prisioneiros políticos recuperados no Tarrafal, Peniche, Caxias e outras prisões.

No grupo que dirigiu o assassinato do Camarada AMÍLCAR CABRAL, encontramos destacados dirigentes e militantes do PAIGC que tinham sido recuperados pela PIDE nas prisões: é o caso do próprio RAFAEL BARBOSA e MOMO TOURÉ.

Entre os dirigentes da conspiração criminosa contra o Povo Angolano que teve lugar em 27 de Maio de 1977, encontramos uma rede de antigos prisioneiros políticos recuperados pela PIDE no campo de S. Nicolau e outras prisões.

Finalmente, na luta do povo irmão do Zimbabwe, o colaboracionismo e a traição estão na origem dos principais reveses que se verificaram, do sacrifício dos melhores combatentes, dos massacres mais horrorosos perpetrados pelos colonos.

O chamado «acordo interno» é o mais clamoroso momento desta história de traição. O reverendo Nda-banangi Sithole, ex-dirigente nacionalista, «recuperado» durante os largos anos de cadeia e infiltrado no movimento nacionalista, é o exemplo mais perfeito de quantos aqui referimos.

O heroísmo e a traição caminham juntos. Nós temos uma experiência muito rica que o demonstra: é a experiência da própria luta e, em particular, da luta que travámos contra o inimigo infiltrado no nosso seio.

INFILTRAÇÃO COMO MÉTODO DO INIMIGO

Para nos combater, o inimigo não usa apenas a repressão aberta. Esta é fundamental na fase inicial do movimento, quando ele ainda não está consolidado. Mas uma vez o movimento enraizado nas massas e com uma linha política correcta, quando as massas apreendem o sentido do combate, a repressão, embora importante, deixa de ser o instrumento principal do

inimigo. Mais do que liquidar combatentes ou população importa-lhe destruir a própria organização. Doutro modo, sempre surgirão militantes para empunhar com mais determinação ainda a arma do companheiro caído.

O inimigo procura duas coisas:

- Infiltrar-nos para obter informações imediatas sobre as nossas actividades, de maneira a neutralizá-las;
- Infiltrar elementos seus com o objectivo de agirem, a longo termo, para a desagregação da organização, quer pela introdução de desvios à linha política, quer mesmo pela criação e agudização de contradições de diversa natureza.

No nosso caso, a mais importante infiltração foi na própria Direcção da FRELIMO. Por ocasião do assassinato do companheiro EDUARDO MONDLANE, descobrimos que havia membros do Comité Central da FRELIMO que eram da PIDE. Constatámos que o inimigo se conseguira infiltrar nas várias estruturas da Organização.

Ele estava presente nas nossas Escolas Secundárias mobilizando os nossos estudantes para a ambição, o oportunismo, a traição. O objectivo da sua acção era secar a fonte dos quadros revolucionários e preparar elementos com ideologia reaccionária para, na eventualidade da independência, assegurarem a via neo-colonial.

O inimigo estava presente também no seio do Exército para destruir a resistência e o espírito patriótico, para destruir a luta armada. Os seus agentes infiltravam-se nas nossas fileiras desertando do exército colonial com equipamento militar sofisticado para se fazerem passar por verdadeiros patriotas.

Em 1964, por exemplo, o inimigo infiltrou nas nossas fileiras o PASCOAL NYAMPULO ou ANTÓNIO ALMEIDA. Era seu agente, vinha com objectivo de ficar nas nossas fileiras, utilizando a máscara de patriota e combatente resolutos para ascender à Direcção. Só foi efectivamente desmascarado em 1973. A sua acção lenta e desagregadora, a sua acção de sabotagem desenvolvera-se durante 10 anos nas Províncias de Tete e Cabo Delgado. Quando finalmente foi exposto, era o Comandante Provincial de Cabo Delgado.

Tivemos também deserções de combatentes que abandonaram a arma e se entregaram ao inimigo. Não resistiam à fome, não resistiam às longas marchas que tinham de fazer descalços, não resistiam aos meses de chuva com falta de roupa, às feridas sem tratamento, aos bombardeamentos constantes. Era preciso coragem. Mas paralelamente a estes desertores, havia as heróicas mulheres que marchavam 3 meses, desde Kassuende, na fronteira com a Zâmbia, até perto da Beira, transportando material, suportando a fome e a sede, sujeitas às emboscadas do inimigo, aos bombardeamentos.

Tivemos entre nós agentes do inimigo que vieram com as tarefas mais variadas.

Tivemos os casos das «moças bonitas» que foram infiltradas pelo colonialismo para atingirem certas bases e tentarem seduzir os comandantes. Houve casos de bases em que não se combateu durante várias

semanas, desmobilizando deste modo os guerrilheiros e tornando a base vulnerável. Quando os portugueses atacavam as bases, a «moça bonita» nunca era capturada. Ela «escapava» para continuar a sua tarefa numa nova base.

Tivemos casos de quadros que recebiam comida proveniente dos quartéis do inimigo com o compromisso de não os atacar. Eram os infiltrados que estabeleciam estes verdadeiros contratos. O objectivo fundamental do inimigo com esta acção não era tanto a neutralização da nossa força militar mas sim obter o primeiro compromisso, que abria a estrada para a traição daquele responsável.

Tivemos casos de agentes que foram infiltrados para fomentarem o tribalismo e provocarem a divisão entre os combatentes e o comandante, quando os portugueses sabiam que o comandante era originário de uma provincia diferente.

Tivemos casos de elementos que se ofereciam como voluntários para o transporte de material, com o objectivo de localizar as bases, detectar os itinerários, inventariar os depósitos, descobrir as escolas e hospitais e conhecer os nossos hábitos de vida.

O inimigo tentou destruir a FRELIMO em 1965 mobilizando os religiosos que militavam na Organização. Cada grupo religioso veio pedir-nos para que a Direcção do nosso campo de treino militar permitisse a celebração do seu culto. Os maometanos queriam observar a sexta-feira; os Adventistas do 7.º Dia pediam o sábado; os cristãos pretendiam o domingo. Assim, os dias efectivos de trabalho no campo ficariam reduzidos a quatro, e os nossos combatentes ficariam divididos na base da religião que professassem.

A partir de 1967, a subversão da FRELIMO começou-se o tornar cada vez mais prioritária. A destruição pelas armas mostrava-se impossível. Era imperativo liquidar a linha correcta, o que exigia a mudança da Direcção. Com esse objectivo o inimigo infiltrou agentes como MATEUS PINHO GWENGERE para promover divisões tribais, regionais, religiosas. A sua acção encontrou apoio nas forças reaccionárias internas dos novos exploradores, encabeçados por LAZARO KAVANDAME e nos ambiciosos políticos dirigidos pelo reaccionário URIAS SIMANGO. O colonialismo e a PIDE, na prática, criavam a frente contra a natureza e linha popular da FRELIMO.

Derrotado politicamente no II Congresso, o inimigo envereda pela via aberta do crime. O assassinato do Presidente EDUARDO MONDLANE, contrariamente à expectativa dos criminosos, não instala a reacção no posto do comando da FRELIMO.

Contudo, o inimigo fica convencido de que a situação interna da FRELIMO é de divisão e de fraqueza, de que a desagregação do nosso movimento está iminente. Por isso, lança a grande operação militar a que chamou NÓ GÓRDIO e que deveria constituir o golpe de misericórdia na FRELIMO.

Porém, o NÓ GÓRDIO transforma-se numa derrota estratégica militar dos colonialistas e abre o caminho para o esmagamento final das forças coloniais de agressão.

É então concebido um novo plano de infiltração com o objectivo supremo de bloquear o avanço do povo moçambicano rumo ao socialismo mesmo em caso de independência nacional.

São libertados nesta fase, prisioneiros políticos já

recuperados. São enviados para as zonas libertadas: alguns para assassinar responsáveis; a grande maioria, para desviar-nos da nossa linha de unidade nacional e revolução democrática popular. Outros prisioneiros são deliberadamente deixados nas zonas ocupadas para controlarem as actividades clandestinas e sobretudo, capitalizando o prestígio de patriota e prisioneiro político, serem lançados como alternativa revestida de crédito, à Direcção da FRELIMO. Este último caso pode ser ilustrado pela história sórdida do DOMINGOS AROUCA.

Ao apresentarmos estes exemplos de infiltrações detectadas no passado, queremos contribuir para a compreensão da manobra complexa de «recuperação» que a PIDE desencadeia na Machava. Depois do II Congresso da FRELIMO, e particularmente após o assassinato do Camarada EDUARDO MONDLANE, após o fracasso na tentativa de destruição e subversão das nossas forças armadas, impunha-se ao inimigo a criação de novas alternativas.

RAZÕES DA NOSSA REUNIÃO

Podemos situar a vários níveis os nossos objectivos:

- Conhecermo-nos correctamente para definirmos, para cada um, as tarefas a cumprir na fase presente do processo revolucionário;
- Integrarmos todos os antigos militantes que foram prisioneiros do inimigo, que foram privados de viver e participar no processo interno de transformação da FRELIMO;
- Libertarmos, cada um, das pequenas capitulações que porventura teve; prestigiarmos a condição de antigo prisioneiro político, purificando as nossas fileiras dos agentes infiltrados, isolando e desmascarando o punhado dos grandes criminosos e traidores que se camuflam sob a máscara de antigo prisioneiro político.

Alguns dos que estão aqui presentes têm a consciência pesada. Para que se libertem é preciso que falem. Isso exige coragem.

Na prisão houve os que a tudo resistiram. Viviam nas mesmas celas com os que tiveram fraquezas e com os que traíram.

Já nos referimos a algumas das causas, mas muitas mais se poderiam apontar. Elas vão desde a inexperiência ao medo, do oportunismo à cobardia, da ignorância à corrupção.

Estamos todos misturados numa mesma designação de antigos prisioneiros políticos. As fraquezas e as traições são conhecidas. São conhecidas pelo inimigo, como o são por aqueles que as testemunharam, pelos que delas foram vítimas.

São guardadas como se constituíssem segredo. Mas, na verdade, são segredos públicos. Se formos perguntar ao povo, o povo sabe. Porque o povo está em toda a parte, não existem segredos para o povo. O processo eleitoral constituiu a prova definitiva.

Durante as eleições constatámos em muitos casos as massas rejeitarem antigos prisioneiros políticos como agentes da PIDE. Verificámos que em muitos sítios dizer-se antigo prisioneiro político significava para as massas, infiltrado. Esta não é uma situação correcta, o nosso povo deve respeitar a qualidade de antigo prisioneiro político, antigo combatente da causa da liber-

tação nacional. As nossas crianças devem aprender e orgulhar-se do heroísmo dos que resistiram nos campos de morte da PIDE, devem-se inspirar também desses exemplos para forjar o seu carácter e determinação revolucionárias.

Discutirmos entre nós estes problemas é libertarmos-nos. Libertarmos-nos em vários aspectos.

Recusarmos-nos a falar deles, não abordarmos com franqueza estes problemas, conduz inevitavelmente à desconfiança entre nós, ao desprestígio dos antigos combatentes que foram prisioneiros políticos.

Por causa de alguns, todos os antigos prisioneiros políticos são desprestigiados. Todos os sacrifícios, todos os sofrimentos, todas as privações não terão qualquer valor enquanto nos recusarmos a falar destes erros, destes falsos segredos.

Calarmos-nos, conduz a compromissos graves em que o delinquente ou o oportunista, explorando as fraquezas deste ou as traições daquele, obriga à violação da linha da FRELIMO, a uma nova traição dos interesses do Povo e do Estado em seu próprio benefício.

Não discutirmos claramente estas questões conduz à possibilidade de o inimigo fazer dos erros do passado, a porta por onde penetra para de novo vos recrutar, para vos manter sob o seu domínio e vos levar a novas e maiores traições.

Tornar conhecidas as próprias fraquezas e a própria traição, fazer a autocritica sincera dos erros do passado é tirar de cima de cada um o peso que o oprime, o asfixia e o leva a afundar-se sempre mais no pântano dos problemas e das contradições.

A traição, o crime, são como o cadáver que por mais que lancemos à água acaba sempre por vir à superfície.

Esta reunião não é um julgamento, não nos reunimos para julgar e condenar. A Direcção do Partido e do Estado não se reúne com os prisioneiros políticos para perseguir e punir. Reunimo-nos para nos libertarmos. Se entre nós, nesta reunião, estiver algum agente da PIDE, então trata-se de inimigo. O traidor, o criminoso, o agente do inimigo, esse nós combatemos em qualquer circunstância e lugar.

DESENCADRAR O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

A adesão à causa de libertação não implica necessariamente a transformação do patriota em militante revolucionário.

Antigos combatentes da guerrilha, tiveram, em todas as fases da luta, que ser afastados das nossas fileiras por se terem revelado corruptos, venais, violadores dos interesses das massas populares. Quer dizer, não assumiram a tarefa básica de se transformarem no Homem Novo.

O mesmo acontece com antigos combatentes da clandestinidade, com antigos prisioneiros políticos.

Contudo, há factores específicos da situação dos prisioneiros políticos. Eles viveram sempre na zona ocupada pelo inimigo, o que significa que tiveram uma prática muito restrita do combate de massas, devido às restrições da luta clandestina no nosso país.

Não puderam participar na guerra popular. E a luta armada de libertação nacional é a forma superior de luta, o instrumento que liberta e transforma os homens, o instrumento que liberta e transforma as

consciências, o instrumento que liberta e transforma a terra.

Os prisioneiros políticos não puderam, pois, participar na grande luta contra os novos exploradores, contra o sistema de exploração do homem pelo homem. Não participaram na luta pela demarcação entre a posição puramente nacionalista e a posição revolucionária. Estiveram à margem do combate contra os vestígios da sociedade feudal e colonial, do combate contra a poligamia, os casamentos prematuros e o lobolo, do combate contra o individualismo, contra o paternalismo, contra o liberalismo e a politiquice. Não estiveram na principal frente do combate contra o tribalismo e o regionalismo, o racismo e do grande combate contra a ambição.

Os prisioneiros políticos estiveram à margem do processo da conquista da vida colectiva, dos valores colectivos, da valorização do trabalho da classe operária e do campesinato, da libertação da energia criadora das massas que conduzia o povo a superar as dificuldades e sacrifícios para vencer o inimigo.

Os prisioneiros políticos estiveram, pela força das circunstâncias privados de viver esta experiência, privados de participar no processo do nascimento da Nova Sociedade, no processo histórico e político que conduz à criação do Partido de vanguarda marxista-leninista.

Neste momento vivemos as grandes campanhas para pôr em aplicação o programa e as resoluções aprovadas pelo III Congresso.

Isso implica nomeadamente a estruturação do Partido e edificação do Aparelho de Estado da ditadura democrática revolucionária, a criação do aparelho de direcção da economia, o cumprimento das Directivas Económicas e Sociais.

A satisfação destas necessidades exige quadros, exige que os militantes, que em momentos difíceis deram provas de fidelidade ao Povo, à Pátria, se transformem em militantes da causa da revolução socialista. Temos que seleccionar os quadros que possam assumir responsabilidades nos postos-chave do Partido, do Estado e da Economia, após uma reciclagem política e um estudo técnico.

É nas fileiras dos combatentes veteranos da guerrilha e da clandestinidade que nesta fase virão prioritariamente os homens necessários.

Conhecermos e discutirmos a história de cada um, a sua evolução, permite-nos determinar com precisão as missões a serem cumpridas por cada indivíduo.

É importante ainda que todos os militantes, todos os quadros adquiram e vivam o pensamento comum, o pensamento do Partido. Esta aquisição não é resultado dum milagre ou inspiração divina, não é provocado por uma labareda que desce do céu para nos iluminar subitamente. É a prática do estudo e do trabalho colectivo, é a prática colectiva da crítica e autocritica que progressivamente nos transforma, nos educa como patriotas consequentes e militantes dedicados à causa do socialismo.

Esta primeira discussão da experiência dos cárceres, do comportamento de cada um, a crítica e o elogio que colectivamente faremos é um primeiro passo para todos adquirirem um mesmo pensamento e sensibilidade.

Assim em conjunto tiraremos as lições das vitórias

e dos erros e fracassos, colectivamente descobriremos como reforçar a determinação conducente à vitória, como combater as hesitações e limitações que provocam o fracasso.

VALORIZEMOS AS NOSSAS EXPERIÊNCIAS

No combate clandestino, na resistência ao inimigo, dentro das prisões, os prisioneiros políticos adquiriram experiências ricas, experiência directa da brutalidade criminosa do colonial-fascismo. Eles conheceram a verdadeira face do colonialismo, a natureza terrorista do fascismo, ganharam a experiência da solidariedade e ajuda mútua entre os presos e humilhados, nos momentos difíceis da tortura e sofrimento, nos momentos em que as fracas forças de cada um se juntam para amparar, acarinhar e salvar aquele que vai capitular. Eles conheceram a experiência de descobrir a FRELIMO por trás das grades impostas pelo colonialismo, experiência dos métodos do inimigo e de como lhes resistir.

Importa valorizar as experiências e as capacidades existentes em cada um de nós através da síntese das experiências do nosso povo.

As novas gerações necessitam de aprender dessas experiências. O povo deve conhecer a realidade do combate de resistência.

Este trabalho exige organização, exige planificação, unidade e exige, sobretudo, conhecermo-nos previamente. Estes são os meios para nós podermos continuar o combate.

A Pátria ficou independente, mas os interesses fundamentais do povo não estão satisfeitos. A fome, a doença, a nudez, a miséria, a ignorância, o obscurantismo, a dependência do imperialismo, ainda existem na nossa sociedade. Para vencermos esses males, é necessário situarmos histórica e politicamente o nosso combate actual.

Ser antigo combatente, resistente, prisioneiro político, não nos confere um diploma, uma garantia de privilégios, o direito de cavalgar o povo. Não lutamos para ser os novos exploradores. A nossa luta foi e é expressão do próprio povo. Nós somos expressão do Povo moçambicano. E o novo combate em que estamos engajados é o combate para prosseguir a libertação do povo e da Pátria do subdesenvolvimento a que nos condenara o colonialismo e para construir as bases materiais e ideológicas da sociedade socialista.

Situar histórica e politicamente o nosso combate actual é compreender e assumir a necessidade do combate pela estruturação da vanguarda que é a FRELIMO. Partido das classes trabalhadoras, Partido Marxista-Leninista. Se não aceitamos este novo tipo de combate, não construiremos a nossa Pátria livre e soberana; teremos traído o sangue já derramado e os sacrifícios até hoje consentidos; seremos os traidores, os desertores, os que recusam continuar o combate.

Situar histórica e politicamente o nosso combate actual é saber definir a tarefa principal.

No passado, a tarefa principal, prioritária e decisiva foi a luta armada. A luta armada foi a principal forja de quadros durante a Luta de Libertação Nacional. A luta de classes no nosso seio, nas zonas libertadas, produziu os quadros mais temperados, aqueles

que constituem o núcleo do Partido marxista-leninista.

Actualmente, a tarefa principal é a produção. A nossa forja é a luta para o aumento da produção em cada sector. A convicção, o entusiasmo, a dedicação com que cada um de nós se engaja na tarefa principal, determinam a nossa capacidade de nos continuarmos forjando e temperando como revolucionários.

Temos insuficiências e dificuldades em realizar os nossos trabalhos porque fomos temperados em forjas diferentes. Fervemos a diferentes temperaturas. Se todos nós tivéssemos fervido a 100°C, o processo revolucionário teria sido menos difícil. Contudo, se soubermos agora valorizar as nossas experiências, se soubermos assumir com coerência e determinação o nosso combate, se nos soubermos engajar na tarefa principal da luta, nós avançaremos como militantes revolucionários, nós daremos uma contribuição válida para a libertação total da Pátria.

A luta pelo aumento de produção significa a socialização, a industrialização do campo, a batalha das aldeias comunais. A batalha das aldeias comunais, a batalha das fábricas, a batalha da indústria pesada são as novas forjas dos quadros do nosso país e da nossa revolução.

Para este grandioso combate precisamos de direcção e dos instrumentos, das armas. Estes são os elementos fundamentais.

A Direcção é Partido. O Partido existe através dos militantes que dedicam a sua vida à realização dos interesses do povo trabalhador.

É entre os antigos combatentes, guerrilheiros, prisioneiros políticos que se encontra o núcleo de base do Partido. São estes, os que já deram provas, quem constitui nesta fase a coluna vertebral do nosso Partido de vanguarda.

Temos que nos conhecer. Só amamos os que conhecemos, aqueles com quem temos profunda identidade. Não se ama em abstracto. Temos que nos conhecer para podermos seleccionar, no nosso seio, os que podem entrar no Partido. É com eles que vamos estruturar o Partido de vanguarda.

O nosso instrumento é o Estado. Necessitamos de completar o processo de edificação do Estado Democrático Popular.

Muitos sectores estatais, tanto administrativos como económicos, têm grande falta de quadros de confiança, quadros em que o povo confia, quadros que sirvam o povo e possam exercer a ditadura democrática revolucionária rumo ao Socialismo.

PERSPECTIVAR O FUTURO

Para darmos a nossa contribuição válida e consciente no progresso da nossa revolução popular temos, portanto, a obrigação de saber de onde viemos, para onde vamos e quais os meios de que dispomos.

Analisámos já estes pontos no decurso desta intervenção. Contudo, é essencial que saibamos aprofundá-los.

É preciso compreender como fomos presos.

Uns foram presos porque o inimigo, devido a insuficiências do trabalho clandestino, conseguiu descobrir as redes em que operavam. Outros foram presos devido à denúncia de infiltrados ou à traição de com-

panheiros.

Nesta reunião devemos clarificar estes pontos, devemos esclarecer como cada um de nós se comportou na prisão.

Porque resistimos? Os que fraquejaram devem explicar quais as causas e como se manifestaram essas fraquezas. Os que traíram devem dar a conhecer os motivos por que o fizeram e qual a traição cometida quando saíram da prisão.

Qual a actividade após a saída da prisão? Em que circunstâncias foram libertados e porquê? Que compromissos ou traições cometeram para serem libertados? Qual a actividade de cada um de 25 de Abril a 7 de Setembro de 1974, Dia da Vitória? Como agiu cada um face à intensificação das manobras do inimigo nessa época? Qual tem sido a nossa contribuição após a vitória? Qual a actividade até Mocuba e depois de Mocuba?

Se nos retraímos, se não participámos activamente, é preciso saber porquê. Por isso, chamamos a esta reunião um debate político.

Onde militámos e qual tem sido a nossa militância? Devemos saber, individual e colectivamente, responder a estas perguntas. É a base para definirmos como e onde devemos continuar a lutar, como continuarmos a ser combatentes, como formar as novas gerações dos continuadores das nossa tradições revolucionárias.

Finalmente, devemos saber utilizar a oportunidade existente de nos conhecermos para definirmos tarefas, individual e colectivamente. Devemos discutir como, de maneira organizada, valorizaremos as experiências, como as transmitiremos às novas gerações. Para formarmos estas gerações é imperativo que discutamos como nos integraremos no Novo Processo Revolucionário.

No nosso debate político, devemos ter presentes os princípios que distinguem o militante da causa do socialismo, dos outros homens. Não são qualidades ou virtudes superiores, mas apenas a determinação em servir o Povo, em transformar o Mundo, e, no processo, em transformar-se a si próprio.

A grande conquista e tradição da FRELIMO, a crítica e a autocrítica, são processos de libertação e transformação, e nunca instrumentos de vingança mesquinha ou de destruição.

É através da corrupção, do divisionismo e da desconfiança que o inimigo se infiltra. O nosso combate aqui é restabelecermos a confiança entre nós, e erradicarmos o que está podre no nosso seio, é reencontrarmos a nossa unidade nas fileiras da Revolução.

A LUTA CONTINUA!

(De: "Notícias", Maputo, 1978-07-11)